

AURORA OBREIRA

REVISTA Nº 38
ANO 3 - 2014
MAIO

EDUCAR, ORGANIZAR, EMANCIPAR!

**SINDICALISMO
REVOLUCIONÁRIO
É MEIO DE LUTA!**

CONHECE E ORGANIZA

POR BEM ESTAR E LIBERDADE!

**Maio
Combativo!**
Danças das Ideias

NEM 1 HORA A MAIS,

NEM 1 R\$ a MENOS!





EDITORIAL

As manifestações são legítimas e estaremos sempre nas ruas, nas organizações diretas contra o Estado omissivo e seus partidos patifes que nos roubam e assassinam com suas falácias.

A luta se mantém mais atual do que nunca e em todas as esferas das relações humanas e ambientais.

Não adianta nos iludirmos em mundo de aparências se a realidade nos mostra que muita coisa precisa ser mudada e de forma radical, direta.

Não podemos mais esperar por promessas vazias e ações paliativas, já mais que passou da hora de nos levantarmos e derrubar aqueles que se esforçam em nos escravizar através de ameaças e violências brutais.

Sem partidos, sem Estado, sem patrões, lutamos!



AURORA OBREIRA

Barricada Libertária. iniciativa de ação direta e local para divulgação e propaganda do anarquismo sem partido. sem religião. sem Estado.



AURORA OBREIRA

Número 38 - Maio 2014. Revista para divulgação do anarquismo atual e na construção de uma sociedade sem classes.

Redação: Barricada Libertária

Colaboração: Fenikso Nigra. Ovelha Negra. Boletim Operário. Artista Anarquista. Danças das Idéias

Esta revista foi feita em soft livre: Scribus. Libreoffice. Inkscape. Gimp. OS Mint 15

Contatos:

Barricada Libertária: lobo@riseup.net.
barriliber@anarkio.net.

barriliber@riseup.net

Fenikso Nigra: fenikso@riseup.net
fenikso@anarkio.net

<http://anarkio.net>



-Creative Commons: Ioj rezervitaj rajtoj

-Atribuo: Vi citu ĉi tion aŭtoron:

Copyleft: Liberacana Barikado - 2014;

-Ne komerce uzo: Vi ne komercu tion verkon!;

-Oni partoprenas kun sama Permeso 3.0 Brazilo;

Por reprodukti, disvatiĝi, vi uzu egalan permeson;

-Vi vidu kompletan permeson:

<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/>

<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/br/legalcode>

Votamos nulo

Por Política

De outro jeito!

digite qualquer
numero sem cadastro
e confirma!!



Organização Autônoma

Sem Partidos, sem Patrões,

Sem Estado!

Escravo Moderno



Carta aberta a todas organizações e pessoas anarquistas no mundo.

Saudações livres a todas as pessoas no mundo, aqui são pessoas brasileiras oprimidas e exploradas, como muitos de vocês. Enviamos nosso apoio mutuo, solidariedade e união que sabemos não possuem fronteiras, países, Estados.

De diversas partes do mundo, recebemos noticias terríveis de opressão e exploração que partidos, patrões, empresários, Estados, militares, machistas, capitalistas, totalitários impõe as pessoas irmãs no mundo.

Aqui no Brasil, também estamos submetidas a opressão e exploração, que através de um Estado forte e inimigo do povo, remove pessoas de suas casas e dos campos, retira recursos de áreas essenciais e mantém o modelo de exploração/opressão na forma do liberalismo e capitalismo dominante.

Recentemente pela farsa da FIFA, a população foi enganada e está com seus direitos retirados, pessoas presas e processadas por crimes de manifestação simples. Dezena de trabalhadores morreram nas grandes obras para realizar a Copa do Mundo, que só servem para o ganho das grandes corporações mundiais mais uma vez.

As péssimas condições de nossas pessoas trabalhadoras, assim como em todo mundo, continuam ruins e em pleno século XXI, avança a precarização e o aumentam os roubos de nossas riquezas.

Pessoas oprimidas e exploradas em todo o mundo, solidários

sempre e na luta pela nossa emancipação final, nós, pessoas brasileiras, estamos unidas na luta por uma sociedade mais justa e igual!

A nossa voz e nossas ações estão unidas à milhões de vozes no mundo pela revolução social!

Pedimos a Vocês que estão recebendo esta Carta Aberta que a divulguem para outras organizações sociais e populares, sobretudo anarquistas, dando conhecimento que pessoas libertárias no Brasil estão também resistindo a exploração, participando dos Movimentos Sociais e junto com a população indo as ruas protestar contra a tragédia da Copa, das remoções forçadas, da carestia de vida, do desemprego, denunciando ainda os assassinatos na cidade e no campo, promovidos pelas elites, o genocídio dos Povos Originários, agressões a quilombolas, moradores de rua e a todo o tipo de opressão patrocinada pelo Estado, Partidos, Igrejas e Patrões.

Na construção do sindicalismo revolucionário brasileiro!

Open letter to all anarchist organizations and people in the world.

Greeting to every person of the world, here are Brazilian people, oppressed and explored, as many of you are. We send our mutual support, solidarity and union, to which there are no borders, countries or States.

From many parts of the world, we received terrible news about the oppression and exploration that parties, employers, business people, States, military people, sexist people, capitalists and totalitarians impose on people throughout the world.

Here in Brazil, we too are subject to oppression and exploration from a strong, enemy-of-the-people State, which removes people from their houses and lands, removes resources from essential areas and maintains a exploration/oppression model in the shape of the prevailing liberalist and capitalist system.

Recently, due to the FIFA farce, the population was deceived and had its rights removed, people were arrested and sued for

manifestating. Dozens of people have died in the constructions of the facilities for the World Cup, which only serves to make a profit for the big global corporations once more.

The terrible conditions of our working people, as it happens throughout the world, are still the same and, here in the 21st century, it keeps getting worse and our riches keep getting stolen from us.

Oppressed and explored people of the world, we, Brazilian people, always supportive and fighting for our final emancipation, are united to fight for a fairer society!

Our voice and our actions are united to the millions of voices of the world for social revolution!

We ask you, who are receiving this Open Letter, to spread it to other social organizations, in special anarchist ones, informing that libertarian people in Brazil are fighting against exploration, participating in Social Movements and, together with the population, going to the streets to protest against the Cup tragedy, the forced removals, the high cost of living, the unemployment and denouncing the murders on city and countryside caused by the elite, the genocide of the Native People, the aggression against the quilombolas, homeless people and any other kind of aggression funded by State, parties, churches or bosses.

For the construction of Brazilian revolutionary sindicalism!

Malfermita letero al iuj anarki organizoj kaj homoj tutmonde.

Liberaj salutojn a ĉiuj, tie estas brazila subpremataj kaj ekspluatataj homoj , kiel multaj el vi . Ni sendu nian reciprokan subtenon, solidarecon kaj unuecon , ke ni scias ne havas limojn, landoj , ŝtatoj .

Diversaj partoj de la mondo, ni ricevis terurajn novaĵojn de subpremado kaj ekspluatado , ke partioj, patronoj, entreprenistoj, ŝtatoj, militistoj , seksisma , kapitalismaj kaj totalismaj sur niaj frataj personoj en la mondo.

Ĉi tie en Brazilo, ni estas ankaŭ submetitaj al subpremado kaj ekspluatado, kiu per forta ŝtato kaj malamiko de la popolo, ĝi retiras la homoj de viaj hejmoj kaj kampoj , prenas rimedojn de ŝlosilaj areoj kaj subtenas la modelo de ekspluatado / premadojn en la formo de liberalismo kaj reganta kapitalismo .

Lastatempe la FIFA farso , la popolo estis trompita kaj estas retirita viajn rajtojn, oni havas personoj arestitaj kaj juĝitaj por simple esprimi tion. Dekduo laboristoj mortis en la grandaj verkoj por fari la Monda Turniro, en kiu nur utilas por la grandajn tutmondaj firmaoj multiĝi profito.

La malbona kondiĉo de niaj laborantaj homoj , tiel kiel la tuta mondo , kaj ankoraŭ malbone en la XXI -a jarcento, antaŭas esti malbona kaj pliigi la ŝtelo de nia riĉeco.

Subpremataj kaj ekspluatataj homoj ĉirkaŭ la mondo , ĉiam en solidareco kaj batalu por nia fina emancipiĝo , ni, brazila popolo , ni estas unuigitaj en la lukto por pli justa kaj egala socio !

Nia voĉo kaj niaj agoj estas konektitaj al milionoj da voĉoj en la mondo per la socia revolucio !

Ni petas ke Vi ricevas ĉi Malferma Letero, disvastigas ĝin al aliaj, sociaj kaj popolaj organizoj kaj pli anarkiistaj organizoj, havigante scio ke liberecanaj homoj en Brazilo estas ankaŭ rezisti la ekspluateco, ili partoprenas en sociaj movadoj kaj kun la loĝantaro tuj la stratoj por protesti la tragedio de la Turniro Futbalo (COPA), devigita remociones, kosto de vivanto, senlaboreco, ankoraŭ denunciante la murdoj en la urbo kaj la lando, promociitaj de la elitoj, la genocido de Native Popoloj, violenco kontraŭ afrika idaro, senhejmuloj kaj ĉiuj subpremado farinta por Ŝtatojn, Partiojn, Preĝejojn kaj Mastrojn.

En la konstruo de la brazila revolucia sindikatismo!





O outro Davos

Noam Chomsky

Attac , 26 de janeiro de 2001

Sinto muito eu não posso estar com você sobre esta importante ocasião. Na verdade , eu posso fazer pouco mais do que expressar apoio entusiástico para o que você está fazendo e espero que para o sucesso nessa empreitada e muitos outros como ele em todo o mundo . O desafio é enorme porque há uma vontade crescente de assumir , o que é muito animador para as pessoas que olham para a frente a um mundo mais decente.

Nos poucos momentos que eu tenho, eu gostaria de relembrar alguns fatos básicos sobre o que é chamado de globalização , com destaque para este termo enganador que é usado para se referir a uma forma muito específica de integração internacional projetado pelos Estados poderosos , impostas ao resto , no interesse de concentrações particulares de poder, e com os interesses das pessoas apenas incidentais . Não haveria razão para se opor a globalização como tal, que , se devidamente estruturado , seria uma perspectiva muito bem-vindo.

Desde a Segunda Guerra Mundial, a integração da economia internacional tem de prosseguir ; é por agora voltou para algo como o nível de cerca de um século atrás por medidas brutas. A estrutura final , porém, é consideravelmente mais complexa . Durante o período pós-guerra, o processo passou por duas fases nitidamente diferentes. A primeira foi a fase mais ou menos até o início dos anos 70 , o período de Bretton Woods. O segundo é o período desde o dismantelamento do sistema de Bretton Woods, de um sistema de taxas de câmbio e controles regulamentados sobre os movimentos de capitais . É este segundo período , que geralmente é chamado de globalização e está associada com a chamada política neo- liberal , um termo novo nem liberal. Isto significa que os programas de ajustamento estrutural ao longo das linhas do Consenso de Washington para os países mais pobres e versões das mesmas políticas nas sociedades mais avançadas. As duas fases são bem diferentes por razões muito boas . A primeira fase , a fase de Bretton Woods, é chamado de uma idade de ouro do capitalismo de Estado industrial por muitos economistas , enquanto a segunda fase, a fase da

globalização, é freqüentemente chamado de uma idade de chumbo com uma acentuada deterioração em medidas macroeconômicas convencionais que seriam coisas como maior crescimento da economia, da produtividade e assim por diante. Como é uma alegação comum de que a globalização, a segunda fase, trouxe prosperidade notável, embora, infelizmente, alguns foram deixados para trás, e não ter compartilhado nas grandes benéficos, e nós temos que fazer algo sobre isso.

Estas alegações são apenas parcialmente verdadeiro. Isso é verdade para a primeira fase. Na segunda fase, é verdade que a desigualdade tem crescido muito rapidamente. Mas, além disso, as alegações são completamente errado e não-controversa assim. O registro foi sombrio em todas as regiões do mundo. Isto é para além de alguns países asiáticos que têm sido capazes de quebrar as regras do jogo por um tempo, pelo menos. Por isso, considero o país mais rico do mundo, os Estados Unidos. Aqui, não é suposto ser o que é chamado de economia de conto de fadas, que é de fato verdadeiro para uma parte muito pequena da população, o que acontece para incluir aqueles que estão a dizer toda a gente a maravilhosa notícia. Para a maioria dos trabalhadores, os trabalhadores não-supervisão, cerca de 80 por cento da força de trabalho, os salários têm diminuído desde a década de 1970. Nos últimos 10 anos, particularmente nos últimos anos, os salários brutos retornou aproximadamente ao nível de 1989, último ciclo de negócios, eles ainda estão bem abaixo do nível de 20 anos atrás. Para trabalhadores do sexo masculino, Salários ambientais nem sequer subiu para o nível de 1989 Apesar do crescimento dos últimos anos. Para as famílias na faixa do meio, que se chama famílias de renda média, eles têm sido capazes de sustentar a renda, mas apenas por uma carga de trabalho muito mais pesado. As famílias de renda média poderia ganhar cerca de seis semanas por ano de mais trabalho do que há 10 anos para manter a renda essencialmente estagnação.

Os Estados Unidos agora tem a maior carga de trabalho no mundo, passado Japão um par de anos atrás. Crescimento como este tem sido impulsionada por gastos do consumidor em que por sua vez tem sido impulsionada por uma campanha de propaganda massiva e agora tem consequências também: dívida das famílias aumentou; ele ¹ s agora em um nível sem precedentes, é, na verdade, além de renda disponível, pela primeira vez. A principal parte do conto de fadas é o mercado de ações que subiram, até cerca de um ano atrás. Isso causou muita exuberância, mas que ¹ s a principal fonte de crescimento do mundo ¹ s no período recente. No entanto, vale lembrar que quase metade das ações são detidos por um a cem da população e os 80 por cento da população completamente detêm cerca de 4 por cento. As taxas de pobreza ainda são mais elevados do que eram há 20 anos. Isso ¹ s pior, de longe, o pior nos Estados Unidos e Grã-Bretanha, pior do que o mundo industrial. E estes são os países que tiveram a imposição mais rigorosa das políticas neo-liberais. Durante a era de ouro, o Bretton Woods- primeira fase, a renda que crescem rapidamente e

em toda a linha , era bastante igualitária. Na verdade, o maior crescimento foi no mais baixo de 20 por cento da população, eo crescimento mais baixo foi no mais alto 20 para cem. Na era de chumbo , que ¹ s foi completamente invertida . Por isso, é altamente in- igualitária. O crescimento da renda estava no topo , concentradas no topo poucos por cento , enquanto a renda dos mais baixo de 20 por cento , na verdade diminuiu. Dê uma olhada no astro da nova economia da Califórnia havia recentemente um estudo sobre o que aconteceu na Califórnia, nos últimos 10 anos. Eles descobriram que a compra de energia através da família havia diminuído em cerca de mil dólares durante a década de 1990 . Salários médios e rendimentos diminuíram. Os níveis de pobreza aumentaram. Apenas Estado de Nova York tem maior desigualdade. E aquela foto muito bem generaliza em todo o mundo . Elas são mais duras nos países mais pobres . Há uma exceção . Como eu mencionei os países que foram capazes de violar as regras , por exemplo mais dramaticamente China , mas não por muito tempo. China está agora a ser recebidos no clube com um acordo de livre comércio recente ou mais precisamente um acordo de investimento livre como o Wall Street Journal descreve. Eles foi saudado pela imprensa nacional como o que eles chamam de uma notícia muito boa para os serviços financeiros , telecomunicações, Boeing , outras empresas, mas se você ler sobre você descobre que nem tudo é róseo .

Na pequena impressão que há um problema de dezenas ou talvez centenas de milhões de trabalhadores chineses que são expulsos das fábricas ineficientes. Assim como fábricas americanas eram tão ineficiente na década de 1980 que a administração Reagan , o mais protecionista da história americana do pós-guerra , tinha praticamente banidos importações japonesas para tentar reconstruí-las com o apoio do Estado . Mas na China que ¹ s não vai ser permitido, ele ¹ s um país pobre. Estas fábricas ineficientes fornecer não só Livelihood mas os benefícios , o seguro , o que equivale a Previdência. Há também um outro pequeno problema mencionado : um milhão de trabalhadores norte-americanos vão perder seus empregos como turnos de produção de baixo custo para a China . Isso poderia ser um benefício para a China , em teoria , poderia melhorar os salários lá, exceto por um pequeno defeito do acordo de investimento livre , ou seja, 900 milhões de camponeses chineses que se espera que sejam expulsos da terra e vai estar em apuros quando seu país torna-se inundado com subsidiados exportações do agronegócio dos Estados Unidos, e como eles inundar o mercado de trabalho dirigindo Salários . Esse quadro é bastante familiar ao lado entre os Estados Unidos e México : as reformas neoliberais no início de 1980, e desde então , cerca de 80% da população, os padrões de vida e rendimentos caíram e continuaram depois do NAFTA , ao contrário de todos previsões de economistas main-stream . Pelo menos outros (alguns economistas) apontou que ia acontecer .

O óleo pode ser um dos tratados de comércio raros que conseguiram prejudicar a maioria da população em todos os países participantes. É muito fácil para continuar. Além disso, as regras do jogo estabelecidas pelos ricos são muito propensos a estender esses efeitos. Assim, por exemplo, as regras da Organização

Mundial do Comércio têm barrado definitivas os mecanismos que foram usados por cada país rico , sem exceção, como para chegar ao seu estado atual de desenvolvimento , bem como o acordo de comércio erroneamente , na verdade, contrato de direitos de Investidores, se você olhar de perto , é uma combinação de liberalização e protecionismo projetado para permitir que uma grande corporação para ganhar lucros enormes por preços de monopólio de produtos, que normalmente são desenvolvidos com uma contribuição muito significativa do setor público . Houve uma enorme explosão de transferências de capital especulativo que é a característica que define o período de globalização. Esses fluxos acentuadamente restringir as opções para os governos planejando , atribuir um poder de veto ao capital financeiro , minam a soberania popular , quando o governo é democrático , e reduzir as políticas sociais e econômicas construtivas que possam beneficiar a população , em vez de investidores. O que está tomando forma é uma espécie de mercantilismo corporativo , é um regime liberal ou internacional em que as decisões sobre a vida política econômica e social são cada vez mais concentrado nas mãos do capital privado inexplicável com altas concentrações de poder, e que administram os mercados e são o " ferramentas e tiranos " dos governos de usar as palavras de Madison sobre a ameaça para a democracia há 200 anos. Não surpreende que a segunda fase da globalização suscitou protestos públicos muito substancial tomar muitas formas ao redor do mundo . Ele reuniu forças populares recentemente variaram de diferentes círculos eleitorais , desde o mais pobre e os países mais ricos. Isso é algo novo e bastante encorajador. Este encontro oferece novas oportunidades para realizar este processo para a frente e oferece novas alternativas para ajudar a defender a grande maioria da população do mundo a partir de um atentado aos direitos humanos fundamentais e , além disso, para desmantelar as concentrações de poder ilegítimo e estender os domínios da liberdade e da justiça.



COPA PARA QUEM?

Oito trabalhadores mortos na construção de estádios para os ricos!



Copa feita com sangue de trabalhadores pobres

Copa feita contra a vontade do povo

Copa feita as custas de desalojamento de pobres e indígenas

Copa feita apenas para quem pode pagar!

Nunca é tarde para expressar

a sua insatisfação!





ANARQUISMO E REVOLUÇÃO SOCIAL

José Maria Carvalho Ferreira

Nos dias de hoje, escrever sobre o anarquismo não é uma tarefa fácil. Esse fato é possível observar a partir de três aspectos relevantes. Em primeiro lugar, a representatividade social do anarquismo não se expressa em modalidades de ação coletiva visíveis e significativas no contexto da transformação radical da sociedade vigente. Em segundo lugar, a evolução da sociedade capitalista à escala planetária complexificou progressivamente as relações sociais, estruturas, instituições e organizações que consubstanciam a vida política, econômica, social e cultural. Nas circunstâncias, os processos de socialização, de controle e de integração social foram objeto de uma estruturação idêntica, ao ponto dos mecanismos de exploração e dominação se revelarem cada vez mais abstratos e difíceis de serem percebidos pelos atores individuais e coletivos que aspiram lutar contra o capitalismo.

Por outro lado, sabemos que as virtualidades do anarquismo tornar-se-ão reais, desde que a essência da sua unidade intrínseca seja atravessada pela diversidade da aprendizagem social das idéias e práticas dos indivíduos e grupos que com ele se identificam. A anarquia é o pólo central do qual irradiam todos os anarquismos e, portanto, a essência da sua unidade. Esta, sendo pautada por princípios, objetivos, uma ética e uma filosofia universais, é vivida e idealizada enquanto possibilidade e capacidade de indivíduos e grupos que se identificam com uma concepção de humanidade e de sociedade orientada no sentido da extinção da opressão e da exploração que subsiste no planeta Terra. Partindo destes pressupostos, é impossível dissociar a unidade intrínseca da anarquia da diversidade compreensiva e prática dos diferentes indivíduos e grupos que personificam a sua integração e adesão ao anarquismo. Anarquia como fim e anarquismo como meio só podem e devem ser fatores complementares e interdependentes. Uma ação individual e coletiva assente nesse postulado da força a uma interação construtiva, cuja síntese culmina com a revolução social.

Por essa razão, mais do que nunca, revela-se difícil discernir sobre os limites, as fronteiras e identidade que observamos entre a pluralidade de anarquismos existentes e a anarquia. Assim, a pluralidade dos anarquismos deve vivificar-se no sentido da liberdade, da criatividade, da espontaneidade e da responsabilidade. Nenhum é superior ao outro, desde que a sua prática e o seu ideal persiga a sua finalidade máxima: a anarquia.

Estes três aspectos que acabei de referir são simultaneamente problemas, interrogações e dificuldades teóricas e práticas que se apresentam historicamente como grandes dilemas para o anarquismo em âmbito mundial. Deste modo, em primeiro lugar, procurarei fazer uma síntese das razões dos êxitos e fracassos do anarquismo no passado. De seguida, debruçar-me-ei sobre a natureza da crise e complexidade do capitalismo. Finalmente, procurarei enunciar algumas tendências e premissas que poderão revitalizar o anarquismo nas sociedades atuais.

1. Êxitos e fracassos dos nossos antepassados

Desde que a natureza existe, todas as espécies que a constituem personificaram e personificam uma forma de vida individual e coletiva estruturada pela liberdade, a solidariedade, a criatividade e espontaneidade. É evidente que existem também outras formas de ação estruturantes baseadas na dominação, na competição, na domesticação e na violência. Sabemos até que estas últimas têm sido prevaletentes em quase todo o tipo de sociedades. No entanto, quer nas formas vegetativa e animal quer nas formas de tipo racional e social, o sentido do aperfeiçoamento e da emancipação individual e coletiva assim como a sua sobrevivência histórica revelam-se, cada vez mais, possíveis de realizar desde que os princípios e as práticas da anarquia estejam presentes. Por isso, a anarquia não pertence a ninguém em particular. Ela é patrimônio da humanidade e parte intrínseca da natureza e necessariamente das espécies que a constituem.

A espécie humana, no seu percurso histórico, tem sido pródiga na afirmação dessa verdade indestrutível. Nos seus primórdios, passando pelos sinais de liberdade nas civilizações tradicionais, pela revolta de Spartacus, movimento social milenarista na Idade Média, revolução francesa de 1789, comuna de Paris, revolução russa de 1917, guerra civil na Espanha, de 1936 a 1939, Maio de 1968 na França, etc., etc., todos esses acontecimentos são marcos indelévels da afirmação das virtualidades únicas do anarquismo no processo histórico das sociedades. No entanto, nunca foi a força da razão emancipadora que perdurou. Só com a força das baionetas do exército e do Estado foi possível vencer todos aqueles nossos antepassados que não se vergaram aos propósitos de dominação e exploração dos indivíduos e grupos sociais possuidores.

Se situarmos a força da ação coletiva do anarquismo no contexto da industrialização das sociedades, apercebemo-nos que as suas idéias e práticas foram essencialmente desenvolvidas a partir de meados do século XIX na Europa e nos EUA. Perante um capitalismo totalmente discricionário e incipiente nas suas modalidades de exploração e opressão, só uma resistência ativa orientada no sentido da sublevação social poderia servir aos anseios de um operariado mal pago, que trabalhava em condições infra-humanas nos campos, nas fábricas e no comércio. Acrescente-se a esta realidade os atropelos ao direito nos planos social e político, para não falar dos sistemas de educação, saúde e segurança social praticamente inexistentes e paupérrimos.

Num contexto sócio-histórico adverso foi possível estimular a iniciativa revolucionária de um operariado espoliado e vergado às leis da economia de mercado. De uma forma espontânea e natural, homens e mulheres, que sofriam as vicissitudes negativas do processo de industrialização e da urbanização desencadeado pelo capitalismo, integraram livremente um movimento social que aspirava realizar a revolução social. Através da greve geral ou da revolução social pensava-se abolir o Estado e o capitalismo à escala universal. Para consecução desses objetivos quanta energia intelectual e física foi posta a serviço de idéias e práticas emancipadoras pelos nossos antepassados? Quantos sonhos e utopias foram por si desenvolvidos em nome da igualdade, da liberdade e da fraternidade social e humana? Quantas iniciativas realizaram em prol da insurreição social, greves gerais, edição de revistas, jornais, panfletos, organização de debates e congressos, criação de sindicatos e organizações específicas? A conclusão é de que foram milhões de iniciativas realizadas por milhões de seres humanos, uns anônimos e outros figuras gradas que ainda simbolizam o imaginário libertário internacional.

Não se sujeitando aos desígnios dos seus inimigos, perderam muitas dessas batalhas de um modo digno. Moral e eticamente não se venderam por um prato de lentilhas, nem engrossaram as fileiras do poder instituído e da gestão da exploração. Perdiam, mas recomeçavam de novo, com mais força, a sua luta pela utopia e a revolução social. A estruturação das idéias e das práticas no campo do anarquismo, nessa época, permitiam que se fizesse uma avaliação sistemática da natureza e força do capitalismo, como também de todos aqueles que ansiavam por transformá-lo radicalmente. Nesta assunção, importa perceber porque é que os nossos antepassados puderam ser o que foram e nós aquilo que hoje somos.

Já deduzimos que a natureza negativa do capitalismo permitiu que se constituísse uma ação coletiva que se propunha derrubá-lo. Importa realçar que a divisão do trabalho, os processos de institucionalização e formalização das relações humanas eram incomparavelmente menores do que hoje. Na fábrica, nos

transportes, no bairro, no café, nas praças públicas, ou nas casas das famílias, etc., os processos de socialização das pessoas não eram objeto de grande integração e controle por parte dos poderes constituídos. O interconhecimento e a comunicação realizavam-se de forma simples e informal sem necessidade de recorrer a funções de mediação assentadas na autoridade e na hierarquia. A aprendizagem social era feita de forma espontânea por todos aqueles que trabalhavam na fábrica ou participavam em qualquer outra atividade. As funções de controle e de dominação do Estado, do patronato e da Igreja não eram onipresentes nem oniscientes. Existia uma margem de manobra que permitia uma socialização da revolta e da lucidez no sentido da criação de uma força social autônoma e opositora da sociedade vigente.

Da mesma forma que podemos deduzir das contingências negativas da opressão e da exploração capitalistas a criação das condições objetivas e subjetivas que levaram à formação de uma ação coletiva revolucionária em torno das idéias e práticas anarquistas, por outro lado, verificamos que estas também têm a sua origem num conjunto de práticas e uma vida intelectual intensa centrada num voluntarismo e numa aprendizagem social profissional, comunitária e grupal, centrados na cooperação, na fraternidade, na liberdade e na criatividade humana. Desse contexto sócio-histórico que medeia entre meados do século XIX e princípios do século XX, podemos deduzir que a fragilidade estrutural e institucional do capitalismo permitia e constringia o operariado da época a uma ação coletiva revolucionária. Por outro lado, as funções educacionais, de segurança social e de saúde, ao estarem integradas aos parâmetros da solidariedade e da fraternidade da vida quotidiana dos trabalhadores, como ocorria nos sindicatos, associações culturais e recreativas, mutualidades, cooperativas, etc., permitia que se estruturassem as condições objetivas e subjetivas de uma sociedade que procurava extinguir o capitalismo.

A comuna de Paris, em 1871, o movimento maknovista, entre 1918 e 1920, a insurreição de Kronstadt, em 1921, a revolução social na Espanha, entre 1936 e 1939, as milhares de greves, jornais, revistas e organizações estruturadas pelo movimento social de natureza anarquista são disso uma prova insofismável. Com o advento histórico da revolução russa em 1917 e a hegemonia da aplicação do modelo marxista-leninista como forma de implantação do socialismo à escala mundial, a força mobilizadora das idéias e práticas do anarquismo nas suas múltiplas vertentes foi perdendo terreno no seio das massas trabalhadoras. A partir de então, todos aqueles que se identificavam com o anarquismo não só tinham de lutar contra o capitalismo, mas também contra todas as correntes socialistas e comunistas que se integravam nas lógicas da Internacional Socialista e da Internacional Comunista. Partidos e sindicatos transformam-se em correias de transmissão dos desígnios eleitorais e reformistas dessas internacionais, do Estado e do capital. Doravante, todos os processos de

aprendizagem social das massas trabalhadoras passaram a ser orientados por esses objetivos e estratégias dos partidos políticos e das centrais sindicais.

Em síntese, o sonho e a utopia dos nossos antepassados transformou-se numa realidade que tendia para a revolução social. Esse sonho e essa utopia foram se desintegrando na medida em que o capitalismo se desenvolvia, o marxismo-leninismo se tornava preponderante como modelo alternativo à sociedade socialista, e os partidos e sindicatos controlavam e integravam as massas trabalhadoras no sentido da perpetuação da sociedade capitalista.

2. Natureza da crise e complexidade do capitalismo

Para ilustrar sumariamente a crise e a complexidade atual do capitalismo, basta recorrer às transformações operadas na divisão social do trabalho, no emprego e qualificações do trabalho, na aplicação generalizada das novas tecnologias, no processo de industrialização e urbanização das sociedades e na deterioração das relações entre o homem e a natureza. Estamos, sem dúvida, na presença de um sistema que tem gerado a complexidade, mas também uma situação crescente de crise para o funcionamento normativo da sociedade capitalista.

Quando dizemos que estamos caminhando para a complexidade, queremos com isso afirmar que todos os processos de socialização humana, que implicam controle e integração da ação individual e coletiva, já não são imediatos nem objeto de observação, de participação, de partilha e decisão por parte dos atores que nele intervêm. Em vez das relações sociais serem protagonizadas de uma forma direta, visível, autônoma e livre pelos indivíduos e grupos que as substantivam, são as instituições e organizações representativas que as mediatizam e as hierarquizam. Tudo o que se produz, consome e distribui como bens e serviços nos múltiplos mercados; todas as decisões políticas, sociais, culturais e econômicas determinadas pelos Estados, multinacionais, empresas, regiões, municípios, freguesias; todas as leis, decretos, portarias dos parlamentos e governos; todas as guerras, instalação de centrais nucleares, construção de casernas e prisões pelos Estados; enfim, toda a transformação e exploração realizada sobre a natureza, sem exceção, escapam ao controle, à decisão e participação do comum dos mortais que habitam o planeta Terra.

Os indivíduos e grupos que têm de sobreviver nesta realidade complexa sentem-se demasiado pequenos e impotentes perante uma máquina totalitária que tudo faz e tudo decide. O espaço-tempo da vida quotidiana está cada vez mais capitalizado. Tudo se vende e se compra: trabalho, amor, honra, dignidade, razão, justiça, violência, objetos de consumo, homens, mulheres, crianças. Quem não consegue integrar-se aos mecanismos competitivos desse mercado de compra e

venda é escorraçado pela força competitiva do mercado e da sociedade. Quem não tem poder, nem capital, nem dinheiro, é arrastado para a pobreza, miséria, desemprego ou para a marginalidade social. As tábuas de salvação para tentar sobreviver neste labirinto da complexidade existencial nem sempre são fáceis. Por essa razão, assiste-se ao incremento da religião, do racismo e do nacionalismo, da fuga existencial para o crime e a violência, consumo de droga e generalização da prostituição. Por isso, a recorrência das massas à xenofobia e aos linchamentos populares fortalece a ação repressiva do Estado.

Os processos de socialização e de controle dos indivíduos e grupos não estão mais polarizados nas funções nucleares da família, da escola, da fábrica, do bairro, da praça pública ou do café que enformam a sua vida quotidiana. Essas funções são primacialmente assumidas pelo Estado (guerras, prisões, hospitais psiquiátricos, assistência social, polícia, tribunais), as novas tecnologias, a religião e o conjunto dos “mídias”, com especial incidência para o papel da televisão. Porém, é notório que estas formas de socialização e de controle são de natureza formal, destrutivas e abstratas, contrárias à liberdade, à criatividade e autonomia dos indivíduos e dos grupos que constituem a sociedade. Transformaram-se em seres passivos e dependentes de um processo que lhes escapa, limitando-se a representar um papel de submissão relacional e a servirem de utentes de instituições e organizações que os bombardeiam diariamente com informação e mercadorias, reprimindo-os e alienando-os. Assim se cria uma massa humana informe, sem vontade própria, sem o sentido da liberdade e da revolta perante toda a miséria e desgraça que atravessa a modernidade capitalista. A descoberta de si e do outro. A possibilidade de agir de forma simples e direta com os outros. A dificuldade de perceber o que se passa à sua volta e no mundo, assim como a necessidade e a exigência de mais polícias e religião são sintomas de que estando demasiadamente sós e não sabendo como sobreviver perante a complexidade que se lhes depara, os indivíduos e grupos integraram-se, momentaneamente, na lógica da estratégia e dos objetivos do Estado e do capital.

A crise é uma característica endêmica ao sistema capitalista e decorre do acirramento de conflitos, desigualdades e de diversos mecanismos que perpetuam a exclusão social. Os sintomas estão presentes nos milhões de desempregados, pobres e marginais que pululam nos antros do asfalto e do cimento das cidades. No fundo, é uma crise que exprime a evolução do capitalismo e que se percebe nas mudanças operadas pelas novas tecnologias, a divisão social do trabalho, as qualificações e o desemprego.

No caso das novas tecnologias, embora pese a sua complexidade e sofisticação, como ocorre com a informática, a micro-electrônica, a telemática e a robótica, em todas elas existe um denominador comum: propiciam um aumento gigantesco da

produção, consumo e distribuição de mercadorias, substituem e reestruturam de modo inexorável as funções e qualificações do fator trabalho. Ao integrarem a seus mecanismos internos a energia e a informação que corporizavam o “saber-fazer” dos trabalhadores, em múltiplos aspectos, prescindem destes e transformam-nos muitas vezes em meros apêndices funcionais do seu poder abstrato. Ainda que sejam criadas novas qualificações para o fator de produção trabalho, decorrentes da produção e manutenção das novas tecnologias, os novos empregos criados são manifestamente inferiores àqueles que, entretanto, são suprimidos. Neste contexto, o operariado clássico que integrava os setores industrial, comercial e agrícola vai sendo eliminado progressivamente e substituído por um conjunto de quadros técnicos e trabalhadores indiferenciados. Disto decorrem várias conseqüências.

A primeira manifestação é o desemprego, precariedade do vínculo contratual e a segmentação do mercado do trabalho. As novas tecnologias, ao permitirem uma socialização da informação e da energia de forma exponencial, reestruturam radicalmente o espaço-tempo comunicacional e relacional no processo de trabalho. A concepção, a decisão, a participação e a execução de tarefas já não são realizados no contexto de co-presença física, mas mediatizado abstratamente pelos mecanismos tecnológicos. As relações sociais, a hierarquia da autoridade, o controle e a integração social são objetos de uma socialização em que prima a formalização e a institucionalização, mas também por formas simbólicas abstratas veiculadas pelas novas tecnologias.

O desemprego irrompe do conjunto de qualificações que não são passíveis de se integrar às modalidades de reciclagem e de formação exigidas pelas novas tecnologias. Estão aí incluídos todos os operários ligados aos setores fundamentais do segmento industrial, aos trabalhadores dos serviços e da área agrícola que integravam o núcleo duro da segunda revolução industrial: metalurgia, siderurgia, têxteis, produtos agrícolas tradicionais. O vínculo de precariedade contratual absorve todos os trabalhadores indiferenciados com pouca qualificação. Os imigrantes, os jovens, as mulheres e as minorias étnicas são os grupos mais afetados nesse domínio. O mercado de trabalho segmenta-se de forma irreversível. Criaram-se as condições para uma pluralidade de situações de oferta e procura do fator trabalho: a tempo certo, a meio tempo, contrato formal ou contrato informal.

Não é de admirar, portanto, que a crise do capitalismo esteja centrada nestes fatores. Para extorquir lucro, acumular capital, desenvolver a exploração e a opressão é preciso que haja o maior número de pessoas produzindo mercadorias como trabalhadores assalariados e que estes possam reproduzir-se, consumindo parte das mercadorias produzidas. O problema é que todos aqueles que só podem sobreviver como trabalhadores assalariados querem trabalho, mas o sistema

capitalista não tem capacidade nem possibilidade de lhes dar. Assim sendo, há trabalhadores assalariados que têm trabalho e os que não têm. Há os que são qualificados e os que não são. Existem ainda trabalhadores assalariados que têm um vínculo contratual estável e os que não o têm.

Como corolário lógico, desenvolve-se a desigualdade entre grupos sociais e estrutura-se a exclusão social. O conflito social é o resultado da ação coletiva dos grupos sociais que estão numa situação negativa e que aspiram uma mudança social da realidade existente. Os que têm trabalho e são qualificados, na generalidade dos casos, mantêm-se numa posição passiva. Os que são desempregados têm pouca qualificação e um vínculo contratual precário tendem a posicionar-se no sentido da criação de um movimento social reivindicativo, ainda que de uma forma esporádica e sem sistematização prática. Verifica-se assim que a condição-função dos trabalhadores assalariados não é homogênea, o que objetivamente inviabiliza a formação de uma ação coletiva reivindicativa ou revolucionária. A explicação plausível da falta de atuação do operariado no campo das lutas sociais e sindicais é, em grande medida, produto da sua desestruturação como grupo social homogêneo do ponto de vista profissional e da qualificação.

3. Hipóteses e tendências de revitalização do anarquismo

Tendo presente a natureza da crise e a complexidade do capitalismo na atualidade, verifica-se que certas idéias e práticas do anarquismo estão também em crise e defasadas da realidade atual. Por outro lado, objetiva e subjetivamente, observamos que essas idéias e práticas que enformaram a ação individual e coletiva dos nossos antepassados no sentido da utopia e da revolução social, hoje, estão reduzidas a um conjunto de ações esporádicas e desconexas, sem resultados visíveis na formação de um movimento social expressivo e sem qualquer capacidade de gerar a revolução social.

Podemos e devemos refletir sobre as razões que nos levaram a esta situação. Conforme já explicitado, existem quatro fatores sócio-históricos que nos podem elucidar sobre esse fato. Em primeiro lugar, o advento da revolução russa e as suas conseqüências contra-revolucionárias. Em segundo lugar, a institucionalização da luta dos trabalhadores assalariados nos sindicatos e partidos e sua integração na lógica burocrática e reformista do capitalismo. Em terceiro lugar, a evolução do capitalismo corporizou-se em mudanças significativas nos domínios político, econômico, tecnológico, social e cultural, o que gerou a desestruturação da condição-função do operariado clássico e, logicamente, a natureza da sua ação coletiva. De classe social potencialmente revolucionária, transformou-se gradualmente num grupo social heterogêneo sem sentido e sem força para gerar a transformação radical da sociedade capitalista. Em quarto lugar, o anarquismo, nas suas múltiplas vertentes não compreendeu

nem acompanhou de forma lúcida e atuante esta evolução do capitalismo. Não percebendo o que se passava, fechou-se e passou a viver com os seus dogmas e as suas verdades históricas revolucionárias mais representativas. As mesmas idéias, as mesmas práticas e as mesmas palavras de ordem dos nossos antepassados serviam para nos reconfortar ideologicamente e para nos dar razão, mas não evitou que caíssemos num “gueto” e nos transformássemos em milhares de “seitas” por esse mundo afora.

Por outro lado, não se compreendeu que a anarquia pressupõe várias leituras e várias aprendizagens de vida. Não pode haver um anarquismo, mas vários anarquismos. Estes devem ser a expressão e a vontade genuína da sensibilidade e da liberdade de cada indivíduo e de cada grupo. Não querendo compreender e viver com esta verdade essencial da anarquia, muitos indivíduos e grupos transformaram-se nos arautos “revolucionários” da anarquia, censurando, eliminando ou culpabilizando todos aqueles que pensavam e agiam diferentemente. O dogmatismo, a intolerância, a incapacidade manifesta em perceber e dialogar com a diferença levou a que — em vez de existir a solidariedade, a fraternidade entre os diferentes anarquismos —, se criasse um clima de intriga, de suspeita e de “autofagia” permanente. Não foi possível enriquecermo-nos mutuamente. Não foi possível construir uma síntese, por estradas diferentes, mas prosseguindo a mesma finalidade: a anarquia.

Assim sendo, não podemos continuar a agir e a raciocinar dizendo que o anarco-sindicalismo é o único método revolucionário e o anarco-comunismo não o é, e vice-versa. Não podemos continuar a dizer que comunismo libertário é o único modelo possível de revolução social e o anarco-individualismo não o é, e vice-versa. Não podemos continuar a dizer que o anarquismo cristão de Tolstoi é a negação da anarquia e que o ateísmo é a única forma da sua afirmação, e vice-versa. Não podemos continuar a dizer que certas posições radicais do marxismo e do situacionismo não se identificam com o anarquismo, e vice-versa. Enfim, não podemos continuar a dizer que a matriz teórica de convergência com o anarquismo tem a ver com o liberalismo e não com o socialismo, e vice-versa.

Chamaria a esta postura como uma forma dialógica e tolerante, assente na liberdade e na ação de cada indivíduo e cada grupo, único método de congregar motivações, idéias, informação e energia para revitalizar uma ação coletiva no sentido da estruturação da anarquia. Precisamos guiar-nos por um tipo de conduta informado por valores, uma ética e uma moral que seja a negação de tudo o que coaja a liberdade, a autonomia, a espontaneidade e criatividade dos indivíduos e grupos que se integram na luta pela emancipação da espécie humana. É pela afirmação positiva da diversidade das virtualidades do anarquismo que podemos pensar em sair do marasmo em que nos encontramos.

Uma outra contradição é um certo caráter “classista” de algumas teses que só conseguem ver a solução do problema social resolvido através da luta de classes centrada nas massas trabalhadoras contra o Estado e o capital. Como já verificamos, neste momento histórico, a condição-função do operariado clássico não é homogênea nem a sua ação coletiva é revolucionária. Tendencialmente, esta ação é desprezada pelos jovens, pelas mulheres, pelos emigrantes, pelas minorias étnicas e pelos que são marginalizados pela sociedade. Deste modo, todo e qualquer grupo social pode integrar qualquer movimento social de semblante revolucionário e anarquista, desde que exista um processo de identidade, de partilha e de pertença das idéias e práticas que o corporizam. Neste domínio, é preciso retomar a noção de que a base do anarquismo é o indivíduo, depois o grupo e por fim a sociedade. O simbolismo das palavras, nem Deus nem Amo, só pode ter uma consecução prática, desde que o primado irreduzível da liberdade, da diferença entre os indivíduos esteja presente nas nossas idéias e nas nossas práticas coletivas.

Finalmente, gostaria de descrever uma tendência que é simultaneamente uma hipótese de revitalização do anarquismo. Se há uma teoria e uma prática que é internacionalista, então temos de forçosamente falar dos nossos antepassados. A concepção universalista do anarquismo é imanente às suas práticas e idéias, porque doutro modo nunca poderiam ter como objetivo a extinção do dinheiro, do Estado e do capital. Hoje, mais do que nunca, o primado universal das nossas ações torna-se uma opção imprescindível. Primeiro, porque para inverter a destruição da natureza, temos de inverter radicalmente as relações de dominação e de exploração que o homem realiza sobre a natureza. É um problema universal porque afeta recursos naturais, pessoas, modelo de produção e de consumo. Embora se possa agir localmente contra tudo isso, só com um movimento social universal poderemos contrariar essa realidade. Mas a universalidade do anarquismo decorre também dos milhões de desempregados, de miseráveis, de marginais, de oprimidos e explorados que habitam atualmente o planeta Terra. Com jornais, revistas, rádio, televisão, “internet”, manifestações, debates, etc., é possível fazer algo nesse sentido. Porém, há que internacionalizar a nossa ação individual e coletiva. Sem isso, pouco ou nada poderemos fazer.

*José Maria Carvalho Ferreira é professor titular da Universidade Técnica de Lisboa, Portugal e editor da Revista Utopia.



CONTRA O

TOTALITARISMO,
PATRIARCADO,
CAPITALISMO,
MACHISMO,

anarkio.net



A LUTA
É TODO
DIA!



LSOC



fenikso@riseup.net



ANARKiO.NET

ATÉ O FIM DE TODAS
CLASSES SOCIAIS

Listas Libertárias

Fenikso Nigra <fenikso@lists.riseup.net>

fenikso-subscribe@lists.riseup.net

Expressões Anarquistas <expressoesanarquistas@lists.riseup.net>

expressoesanarquistas@lists.riseup.net

mais info: lobo@riseup.net